

## **PESCAR A LINHA DO HORIZONTE**

### **FISHING THE LINE OF THE HORIZON**

Nivalda Assunção de Araújo / UnB

#### **RESUMO**

Pescar a linha do horizonte é o título de uma ação poética desenvolvida nas águas do Lago Paranoá em Brasília. Em movimentos repetitivos de lançamento de uma boia presa a uma linha, a artista adentra as águas do lago na tentativa de pescar a linha do horizonte. Nesta imersão, a fluidez do tempo é observada pela intensidade do lago iluminado com as cores da luz crepuscular, tornando-se uma experiência onírica de um movimento desmaterializante e de verticalização do tempo em que diversos elementos contrários formam uma unidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paisagem, linha do horizonte, corpo, água.

#### **ABSTRACT**

*Fishing the line of the horizon is the title of a poetic action developed in the waters of Lake Paranoá in Brasília. With repetitive movements of launching a lifebuoy attached to a line, the artist enters the waters of the lake in an attempt to fish the line of the horizon. In this immersion in water, the fluidity of time is observed through the intensity of the dusk lights glowing in the surface of the lake, as the experience becomes oniric regarding a movement of dematerialization and verticalisation of time, in which a diversity of opposing elements form a unity.*

**KEYWORDS:** *Landscape, line of the horizon, body, water.*

Antes, fundo, perspectiva, Alberti, século XIV. O horizonte disposto em primeiro plano só surge no século XIX, com Courbet e sua *Vague* (1869-1870), ou Cézanne, admirador de sua pintura. Depois, nas décadas iniciais do século XX, em pleno momento revolucionário russo, nada mais natural que a linguagem seguisse o caminho da revolução, para pertencer *pari e passu* a todo o processo. Malevich abre um caminho de saída para aqueles que estiveram por tanto tempo presos “nas redes do horizonte, como peixes” (MALEVICH in HARRISON; WOOD, 2002, p. 176). Sua negação do esteticismo e do primado da representação consistia, para começar uma revolução na arte, com a destruição da linha do horizonte.

Mas se sua obliteração da pintura foi um dos motes do modernismo, seria ainda assim possível destruir o que a linha do horizonte preservou, mesmo depois das enfáticas rupturas das vanguardas, como ideia? No estudo da perspectiva a linha do horizonte é o elemento que representa o nível dos olhos do observador. Numa paisagem é a linha do horizonte que separa o Céu e a Terra. Vista ao longe, ela está na base das montanhas e risca horizontalmente o nível do mar. Observada de um dos pontos da cidade tornou-se marco e referência na paisagem urbana.

Pensado como conceito que abarca a impossibilidade e a indeterminação, o horizonte na arte contemporânea é explorado a partir da perspectiva da utopia, que ultrapassa a questão das representações espaciais e alcança ruminções acerca de transcendência. Silva, ao abordar o conceito de horizonte segundo Husserl, o filósofo que estabeleceu a escola da fenomenologia, pontua que em sua designação de “horizonte transobjetivo” situa-se toda a “consciência que intenciona dizer algo sobre um dado objeto” (SILVA, 2013, p. 86). Yoko Ono em seu *Grapefruit* (1964), livro de instruções e desenhos publicado no auge da era da virada da linguagem nos conclama: “você tem visto o horizonte ultimamente? Vá ver o horizonte. Meça-o de onde você está e nos conte qual é o comprimento dele”.

Além do horizonte como tema que reúne as noções espaciais com ressonâncias da ordem do utópico, a presença da água na ação poética que desenvolve desempenha uma função ao mesmo tempo simbólica e material. Fortes (2011, p. 1) chama a atenção para o fato do elemento água ter sido utilizado ao longo de toda a história da arte, tendo sido incorporado como material apenas a partir da segunda metade do século XX.

Enquanto os suportes tradicionais da arte, como a pintura e a escultura, representaram a água principalmente a partir de suas imagens simbólicas e alegóricas, a utilização da água como material nas obras produzidas após a década de 60 do século XX destacou também os processos fenomenológicos da água e suas características físico-químicas. As obras de arte contemporâneas, entretanto, não deixaram de levar em conta a iconografia histórica e a simbologia da água, oferecendo muitas vezes novas maneiras poéticas de tratar das questões ancestrais que povoam o imaginário humano a respeito da água. (FORTES, 2011, p. 1)

No que tange aos processos fenomenológicos que envolvem a água, Bachelard (1998) nos remete ao sonhos e ao devaneio a partir de imagens líquidas. Segundo o autor, a água é ao mesmo tempo fluida, solvente, homogênea e coesa, sendo ao mesmo tempo solvente e coagulante, por isso ocupa um lugar intermediário entre o sólido e o gasoso, entre a materialidade compacta da terra e a suave leveza do ar. Por esta razão, Bachelard acredita ser a água a propulsora de uma experiência cognitiva visual ou da imaginação dos olhos.

Estas foram as referências (pontos de partida) para a ação poética *Pescar a linha do horizonte*, realizada em 2016, em um intento de reunir à eloquência dos fenômenos da matéria (o correr da água) a presença sempre intangível do horizonte. Esta relação entre a experiência corpórea no espaço e o olhar sobre o utópico permeia a ação e se anuncia como uma fricção a ser perseguida em todo o meu corpo de trabalho com as questões da natureza e do corpo. Em *Pescar a linha do horizonte*, meu corpo adentra fisicamente as águas do Lago Paranoá (lago artificial em Brasília, represado em 1959, com 40 km<sup>2</sup> de extensão e 48m de profundidade). Não escolhido por acaso, o lago é um lugar de encontros clandestinos e pescarias proibidas, espaço que oscila entre o proibido e o abandonado e é, ao mesmo tempo, um prolongamento dos quintais das casas de um bairro privilegiado da cidade.

A intenção é mergulhar na paisagem e encontrar o acesso para a margem desejada (margem que surge em sua acepção física e em seu sentido de idealização). Para isso, arremesso uma boia, inúmeras vezes (figuras 1 e 2). O movimento repetitivo registrado em vídeo é uma tentativa de pescar a linha do horizonte. À medida em que meu corpo se entranha nas águas do lago, o arremesso da boia vai se tornando mais difícil, a densidade da água vai então complexificando a execução de um gesto que começa simples. Assim, ao longo da ação do lançamento da boia, o movimento

é encurtado pela imersão do corpo na água: quanto mais distante o corpo da margem menor a potência do arremesso.

As imagens deste trabalho derivam do embrenhar-se paulatinamente na paisagem do lago (figura 3). A escolha do ambiente líquido, lugar com grande quantidade de água e iluminado pelos raios do sol poente é uma evocação ao sublime da natureza (figura 4). Como nos ensina Bachelard (1998) a água, elemento feminino e uniforme, simboliza as forças humanas mais escondidas, mais simples e significantes; nos remete ao devaneio e ao sonho refletidos em suas imagens.



Figura 1: Pescar a linha do horizonte, ação poética, Brasília, 2016.

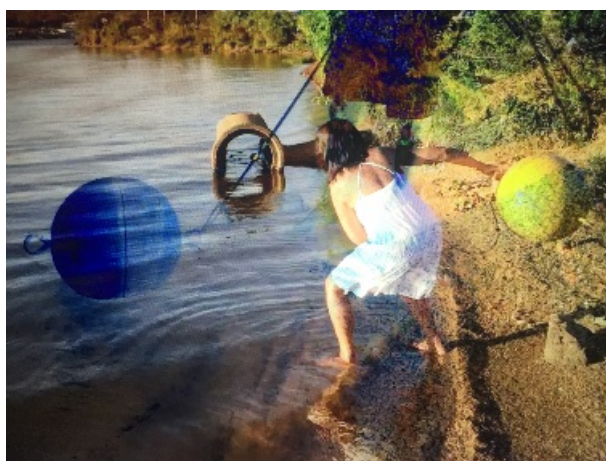


Figura 2: Pescar a linha do horizonte, ação poética, Brasília, 2016.

O cerne da ação artística *de Pescar a Linha do Horizonte*, todavia intenta ir para além do simbólico. Ora, se o corpo é este espaço imensurável, se é a nossa esperança ou ousadia que o tornam mais largo ou diminuto, que o contraem ou

estendem, o gesto da ação se espraia para alcançar de fato o horizonte, e em cada lançada da boia sobre a linha tida como impossível, a visão da artista alcança a linha, comprova sua possibilidade plena e irrecusável, percebe a boia se apoiar, emaranhar-se com o horizonte, para se soltar novamente, e retornar em queda para as proximidades do corpo e da água, depois de ter alcançado a linha que ninguém alcança: o horizonte. Em confluência com a proposta de espaço do corpo como noção expandida para abarcar a subjetividade, Pallamin (2015) argumenta que

A instauração de um lugar está inteiramente vinculada à corporeidade e à intersubjetividade que lhe dizem respeito, aspecto que pode ser estendido à paisagem: enquanto lugar, esta depende inteiramente de como ali nos instalamos, sendo um espaço de abertura e não passível de plena determinação. (...) A intencionalidade presente em nossa ação e percepção qualifica o espaço e suas distâncias. (PALLAMIN, 2015, p. 50-52).

Neste sentido, a reflexão que permeia a construção da ação artística compreende que a linha do horizonte só existe a partir do corpo, da visão que a alcança e que, por alcançá-la, pode “pescá-la”, envolvê-la, capturá-la. Esta ideia é reforçada com a noção de paisagem desenvolvida por Collot: “a paisagem é definida do ponto de vista a partir do qual ela é examinada: quer dizer, supõe-se como condição mesma de sua existência a atividade constituinte de um sujeito.” (COLLOT, 2012, p. 12).



Figura 3: Pescar a linha do horizonte, vídeo-performance, Brasília, 2016.





Figura 4: Pescar a linha do horizonte, vídeo-performance, Brasília, 2016.

Neste jogo instigante de içar no lago uma boia amarrada a uma corda para pescar o horizonte, o meu corpo é o eixo de equilíbrio e se movimenta para levantar e lançar a boia repetidas vezes. Cada lance provoca o deslocamento do meu corpo para dentro do lago e um novo arremesso remete-o a espaços mais profundos das águas. Este movimento vai aprofundando o corpo para lugares desconhecidos e para mais perto do horizonte (movimento paradoxalmente idealizado e realizado).

Na experiência, a linha do horizonte é borrada pelo transbordar da água para além da margem, reconfigurando a paisagem e tornando poeticamente possível o impossível. A extrapolação do limite da superfície da água apaga a demarcação confundindo nossa percepção; assim, a linha sobre a paisagem urbana aparece como encontro desta com a superfície aquática; horizonte aparente, horizonte visível.

Mas é possível pensar a linha do horizonte para além do visível, da paisagem, da margem e, sobretudo, do olhar. Por meio desta ação poética, propõe-se uma reflexão acerca da noção de horizonte. O termo, geralmente atrelado ao sentido de limitar, separar, demarcar os confins de algo, é definido como:

1. Linha que parece, ao observador, em campo aberto, separar o céu da terra ou do mar, limitando o alcance visual: "Chuvvas de outono escureciam o horizonte." (Kurban Said, Ali e Nino).
2. Toda a faixa de céu, terra ou mar, próxima a essa linha, avistada por um observador em campo aberto: Do convés do navio descortinava o horizonte.
3. Fig. Perspectiva de futuro: O estudo abriu-lhe novos horizontes.

4. Fig. Área de alcance, de atuação (de indivíduo ou grupo): Só conhecia os horizontes de sua aldeia.
5. Art.pl. Numa pintura, linha que arremata o céu.
6. Geol. Camada do solo que se distingue das outras pela coloração, textura e composição química.

[F.: Do lat. horizon,ontis] (DICIONÁRIO ONLINE CALDAS AULETE, 2017).

Ao cotejar os sentidos do termo *horizonte* e a experiência *Pescar a Linha do Horizonte*, voltamo-nos para as relações entre o espaço do corpo e o espaço absoluto, ambos demarcados pelo desenho de uma linha. A linha periclitante que sustenta a boia é lançada adiante, e depois adiante, e então mais além, não como um movimento possuído de aleatoriedade e condicionado às limitações do próprio alcance, mas como uma ação plena de possibilidades e de objetivo, de efetivação que ultrapassa a mão, a boia e a linha que a sustenta, que avança para longe, por meio da visão e do desejo. Para Chauí o espaço do corpo

Não possui propriedades métricas, pois perto e longe nascem de nossa pressa, fadiga ou esperança; aberto ou fechado exprimem nossa ousadia ou pavor, traz essências afetivas como o lugar onde nascemos, onde mortos queridos estão enterrados, onde um amor começou, ou terminou, onde uma guerra aconteceu. É antropológico, mítico e onírico (...) é mistério absoluto, pois além de cada paisagem e de cada horizonte, só há outra paisagem e outros horizontes. (CHAUI, 1981, p. 225)

Compreendendo o espaço do corpo como este espaço mítico, misterioso e imensurável, o que significa pensar em limites? Não seria uma das capacidades da arte ludibriar exatamente a noção de impossibilidade de empreitadas racionalmente percebidas como utópicas?

Ao discorrer sobre a percepção do espaço, Merleau-Ponty observa: “a distância não é, pois, uma grandeza objetiva, ela é o grau de precisão da coisa pelo meu olhar” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 291). Neste entendimento, *Pescar a Linha do Horizonte* é uma experiência poética, comprometida com as implicações semânticas desta nomeação, seu estatuto simbólico e as imbricações metafóricas geradas pela reverberação do título na ação capturada em vídeo: assim, o trabalho seria uma espécie de instante poético de imagens em movimento. Uma poética sobre a

impossibilidade, a resistência e o continuar. O ir *adiante* mesmo *diante* do impossível.



Figura 5: Pescar a linha do horizonte, vídeo-performance, Brasília, 2016.

Esta ideia é vivificada a cada passo dentro do lago: a cada arremesso da boia o horizonte se desloca comigo. Portanto quanto mais avanço para *Pescar a linha do horizonte* mais o horizonte se distancia, pois seus limites não são fixos, mas intocáveis e imaginários. O horizonte vai variando a partir do meu olhar, numa relação de troca em que compreendo o mundo porque “para mim existe o próximo e o distante, primeiros planos e horizontes, e porque assim o mundo se expõe e adquire um sentido diante de mim, quer dizer, finalmente porque eu estou situado nele e porque ele me compreende” (MERLEAU-PONTY, 1985: 481). A cada investida, retomo a consciência do movimento e da ação que emerge na água e retorna para tocar o chão. Assim, as medidas com referência à distância e alcance da linha do horizonte estão relacionados à altura dos meus olhos, dos olhos do observador.

Nesta ação performática, ao devanear através das imagens há uma fusão do meu corpo com o mundo, a natureza e o horizonte (figuras 5 e 6). Assim, o amálgama entre corpo, devaneio e imaginação me levou à experiência de mergulhar e fazer transbordar o limite da cidade na paisagem por meio do gesto repetitivo de arremessar a boia e da decisão de inserir meu corpo no centro da projeção, deixando-me guiar pela luminosidade do horizonte no meu olhar em direção a um campo visual que parecia próximo e possível.



Flécheux (2014) se questiona sobre a possibilidade de dissociar o horizonte da utopia, pontuando que “para ultrapassar o limite, como o ensina a prática do yoga, a técnica consiste em não ir até o fim, sem o que se corre o risco de se esgotar, mas recuar alguns passos, recarregar suas forças para melhor se relançar” (FLECHEUX, 2014, p. 152).

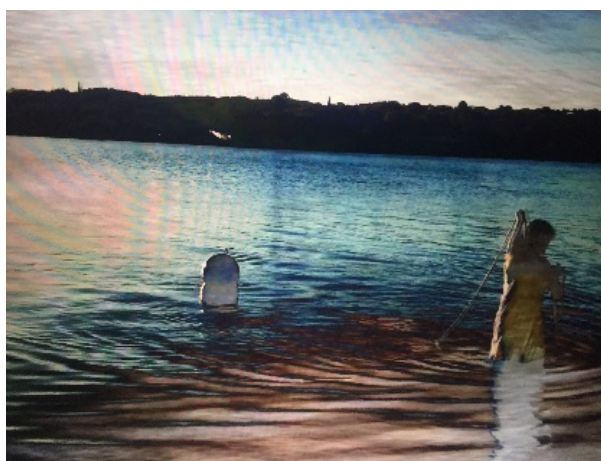


Figura 6: Pescar a linha do horizonte, vídeo-performance, Brasília, 2016.

A boia na linha, o corpo na água, o lago e o horizonte se fundiram em imagens poéticas que desvelam devaneios de uma contemplação singular em que o céu é invertido na água e o universo contemplando em um instante poético como um Ser único. O retorno dessa experiência só pode ser compreendido como no limiar do transcendente e do sensorial: o horizonte que carreguei comigo juntamente com meu dispositivo e minha esperança provocou o sentimento de pertencer ao mundo do qual me desloquei e transformei por um momento.

### Referências

- ALBERTI, Leon Battista. *Da Pintura*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1992.  
 BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.  
 CHAUI, Marilena. *Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo* (Espinosa, Voltaire, Merleau-Ponty). São Paulo, Brasiliense, 1981.  
 COLLOT, Michel. *Pensée-paysage*. Paris, ActesSud, ENSP, 2011.  
 FLÉCHEUX, Céline. *L'horizon*. Paris, Klincksieck, 2014.  
 FORTES, Hugo. *Água: significado e simbologia na arte contemporânea*.  
 Disponível em:  
 <<http://www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versaoportugues/2c91a.pdf>>. Acesso em: 16 de maio de 2018.

- HARRISON, Charles; WOOD, Paul. (Orgs.). *Art in theory, 1900-2000: an anthology of changing ideas*. Malden: Blackwell Publishers, 2002.
- MALEVICH. Kasimir Severinovich. *Do Cubismo ao Futurismo ao Suprematismo: o novo Realismo na pintura*. In: GOODING, Mel. *Arte Abstrata*. SP: Cosac& Naify, 2003.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: La Librairie Gallimard, NRF, 1945.
- PALLAMIN, Vera. *Fenomenologia, paisagem e arte contemporânea*. Parallaxe, v.3, nº2, 2015.
- SILVA, Reginaldo Oliveira. *Uma superfície de gelo ancorada no riso: a atualidade do grotesco em Hilda Hilst*. Campina Grande: EDUEPB, 2013.
- YOKO ONO. *Grapefruit*. O livro de instruções e desenhos. Tradução para o português: Giovanna Viana Martins. Belo Horizonte, 2008/2009.

### **Nivalda Assunção de Araújo**

Doutora em Arts et Science de L'art pela Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) (2008). Possui Mestrado em Art Plastiques et Appliquées. pela mesma instituição (2004) e Mestrado em Artes pela Universidade de Brasília (1999). Atualmente é professora Adjunto 3 da Universidade de Brasília. Atua na área de Arquitetura e Artes, com ênfase em poéticas contemporâneas.